



## Se não te escutam do lado de dentro, grita do lado de fora

Tibungo /// Coletivo Technoantivigilantismo + Outras Palavras

São Paulo e Indaiatuba, Brasil

Para acessar os outros episódios apoiados pelo Goethe-Institut, acesse:

[goethe.de/tramas/podcasts](https://goethe.de/tramas/podcasts)

### TRANSCRIÇÃO DO EPISÓDIO

|                           |   |
|---------------------------|---|
| <i>Introdução</i>         | <p>[música de abertura] - <i>Ela é espetacular, molecada de luta; se o governo for fechar a escola, nós ocupa.</i></p> <p>Olá, você está ouvindo “Se não te escutam do lado de dentro, grita do lado de fora”. Este episódio foi produzido pelo coletivo Technoantivigilantismo em parceria com o Podcast Tibungo e faz parte do Tramas Democráticas, um programa de intercâmbio do Instituto Goethe que busca ampliar o diálogo sobre inovações cívicas e democracia digital na América do Sul.</p> <p>Para conhecer os demais episódios de podcast apoiados, você pode visitar o link que está na descrição deste episódio.</p> |
| <i>Secundarista</i>       | <b>Se não te escutam do lado de dentro, então grita do lado de fora</b>   |
| <i>Invasão da polícia</i> | Jogaram gás de pimenta nos alunos, os policiais entraram junto com os professores; tem vários alunos sufocados aqui no pátio.   |

|  |  |
|--|--|
| <i>[vozes, tumulto, frases inaudíveis, xingamentos, tosse]</i> |  |
| <i>Conversa durante a Invasão da polícia</i>                   | <p>Eu estou filmando tudo<br/>         Filma tudo, filma tudo; vocês não têm um cadeado para colocar aqui?<br/>         Aqui é a escola da gente; vocês estão destruindo algo que a gente construiu.<br/>         Não tem um cadeado para colocar aqui?<br/>         Não tem, não tem...<br/>         Gente, vocês precisaram arrumar alguma coisa para puxar aqui, coloca a carteira, coloca alguma coisa...</p>  |
| <i>Canto</i>   | Não tem arrego, não tem arrego   |
| <i>Chamado de secundaristas</i>                                | Toda mãe que estiver vendo, todo o pai que estiver vendo, todo o responsável, todos os alunos que ainda não ocuparam, prestem atenção que a resistência está aqui e presta atenção que é mais ou menos assim: " <i>mãe, pai, tô na ocupação, e só pra tu saber, eu luto pela educação; mãe, pai, tô na ocupação, e só pra tu saber, eu luto pela educação</i> ".   |
| <i>Secundarista</i>  | <b>A minha pergunta inicial é: de quem é a escola, a quem a escola pertence?</b>   |
| <i>Voz acompanhada de sussurros</i>                            | Se não te escutam do lado de dentro, grita do lado de fora   |
| <i>Estudantes falando</i>                                      | <p>Quem não luta, tá morto</p> <p>A briga é pra conseguir garantir uma educação pública de qualidade</p> <p>A briga é pra isso, sabe por que o Alckmin (governador de São Paulo) está incomodado nesse momento? Só porque a escola está ocupada; a gente já tentou de todas as outras formas viáveis e sabe o que vai acontecer se a gente não fizer essa briga que a gente tá fazendo agora? Ano que vem a sua filha vai (...) ela vai andar mais de um quilômetro; porque o Alckmin não está nem aí.</p> |
| <i>Conversa entre secundaristas</i>                            | <p>A da escola você lembra?</p> <p>Sim.</p>  |

|                                 |   |
|---------------------------------|---|
|                                 | <p>“A escola ele fechou”, não. “A merenda ele roubou, sala de aula ele fechou, o Geraldo é só caô”. “E a merenda, ele roubou; sala de aula, ele fechou”.</p> <p>Tinha a do suco de laranja também! Não tinha? Canta aí, canta aí.</p> <p>“Suco de laranja, bolacha de água e sal, roubaram a merenda da escola estadual”</p> <p>Essa era boa, essa era boa; tinha várias.</p> <p>“Pisa ligeiro, pisa ligeiro; quem não pode com a formiga não atíça o formigueiro”.</p> <p>[inicia música com a mesma letra]</p> <p>Nossa, dá até pra sentir a sensação. Né?</p> <p>Nossa, é verdade.</p> |
| <i>...ruídos, tosse, gritos</i> |   |
| <i>Reportagem</i>               | Segundo a secretaria de segurança pública, os policiais entraram aqui para garantir o acesso dos funcionários à escola, e durante algumas horas esse aqui foi o cenário, olha; estudantes e professores discursando e falando sobre os motivos da invasão e do outro lado a polícia militar perfilada.  |
| <i>Secundarista</i>             | Acho que ontem a gente estava muito eufórico ainda, estava meio anestesiado pelo medo e pelo alto nível de coragem que a gente teve que ter ontem. Nossos ânimos também foram bastante abalados pela discussão que teve com os professores e com a direção e aquela pressão toda; mas, acho que a gente tem que ir ficando mais calmo agora e enxergando as coisas. A gente já ocupou a escola, a gente já está aqui dentro; não dá para voltar atrás mais. E a gente, de fato, precisa se organizar.   |
| <i>Sussurros</i>                | <b>Se não te escutam do lado de dentro, grita do lado de fora</b>   |
| <i>Secundarista</i>             | Tudo começou em 2015 com o objetivo de protestar contra a reorganização escolar do governo estadual e do secretário da educação, Herman. Eles criaram um projeto onde 94 escolas do estado seriam fechadas, onde diversos funcionários e  |

|                        |  |
|------------------------|--|
|                        | <p>professores seriam demitidos, trocaria o tuno das escolas, então muitos professores ficariam sem aula e quem sofreria mais esses impactos seriam os terceirizados e o pessoal da cantina; esses seriam mais afetados por conta da questão da demanda. 94 escolas fechadas são muitos funcionários de limpeza, de organização, de alimentação. Enfim, as funcionárias da minha escola, a maioria seria demitida, porque lá funcionaria apenas o período noturno para o ensino médio. É uma escola gigantesca, tem muito aluno; deixaria apenas para o ensino médio que era a minoria naquele momento, então acredito que 70% do quadro de funcionários seria demitido. E aí, visto isso, visto toda essa questão, a E. Diadema ocupou; e aí, dentro das mídias o que se falava era da baderna, era da revolta dos estudantes, da invasão - como muita gente dizia. E aí, a gente (...) eu sempre tive esse pensamento crítico; eu fiquei refletindo, pensei bastante a respeito, entendo como uma ocupação visando busca por direitos, para que não cessem direitos.</p> |
| <i>Secundarista</i>    | Cada escola é um contexto, cada escola é um universo total, é um universo particular.  |
| <i>Gritos de ordem</i> | Educação nunca foi prioridade; governador, fale a verdade, educação nunca foi prioridade.  |
| <i>Secundarista</i>    | Eu vou dizer que foi uma experiência muito grande para eu poder abrir os olhos e pensar em relação de organização política.  |
| <i>Gritos de ordem</i> | Governador, fale a verdade, educação nunca foi prioridade.   |
| <i>Secundarista</i>    | <b>A minha pergunta inicial é: de quem é a escola, a quem a escola pertence?</b>   |
| <i>Secundarista</i>    | Foi realmente um momento autônomo no geral, assim né, e horizontal – ou seja, todo mundo tinha a mesma importância nas decisões e as coisas eram decididas em assembleias. Eram assembleias longas, às vezes nem tanto, em que a gente debatia tanto a coisa externa – tipo o que fazer na região central, o que fazer no nosso bairro – e como que a gente vai  |

|                     |   |
|---------------------|---|
|                     | manter a escola com suas atividades internas (a limpeza, a cozinha).  |
| <i>Secundarista</i> | E na ocupação foi algo super organizado.  |
| <i>Secundarista</i> | Cada escola é um contexto, cada escola é um universo total, é um universo particular.   |
| <i>Secundarista</i> | O que eu via é que tinham vários locais para as pessoas dormirem, eu vi que tinha uma organização muito grande com doações para gente se alimentar, um mutirão de limpeza bem grande. Ou seja, não era algo como muitas vezes as pessoas pregavam de “ah, um monte de jovem que vai lá para beber, para fumar, para depredar”; muito pelo contrário.  |
| <i>Secundarista</i> | Cada escola é um contexto, cada escola é um universo total, é um universo particular.   |
| <i>Secundarista</i> | Dava para perceber ali a deficiência que o Estado tem em fornecer lazer para as pessoas, sabe? Principalmente para as pessoas de periferia. Né?<br><br>A gente estava em Itaquaquecetuba, que é uma cidade a 40km de São Paulo; uma cidade onde o investimento para a cultura é muito deficiente, muito precário. Então você vê, assim, que muitos fins e muitas histórias que são perdidas aí no meio da vida, da periferia, elas são muito por parte disso – por parte de incentivo cultural, falta de ter um incentivo real do Estado ali, alguém que olha para aquelas pessoas.<br><br>E quando a gente abria a escola aos finais de semana, a gente sentia muito disso, sabe? Muito da carência; da carência do lugar. |
| <i>Secundarista</i> | É um momento de muita organização autônoma, um movimento de muita emancipação; mas também é um movimento que sofreu muita violência: física, psíquica. Violência que vem se arrastando aí entre as pessoas.   |
| <i>Secundarista</i> | Hoje eu venho falar a respeito dessa experiência que me presenteou com a melhor coisa que eu poderia pedir, né. Que foi encontrar o meu eu. Que eu encontrei a minha autoestima,  |

|                     |   |
|---------------------|---|
|                     | eu encontrei o meu objetivo, o meu foco...tudo o que eu sou, tudo o que eu vivo, tudo o que eu acredito em 2015 criou forma e hoje eu levo isso para minha vida.  |
| <i>Secundarista</i> | Hoje eu tenho 20 anos, né? Mas na época eu tinha 15. A gente estava aqui naquele momento, né? Era setembro de 2015, onde começa o movimento em si e a gente tem a primeira escola ocupada no Estado de São Paulo.   |
| <i>Secundarista</i> | A gente se reuniu, era bem tarde – eu lembro disso, já era noite. A gente se reuniu num lugar, fizemos faixas, algumas pessoas pintaram o rosto assim. A gente se sentiu se preparando para guerra, mesmo; porque a importância era tamanha. Então a gente se organizou. Dentro disso tinham pessoas que, ao mesmo tempo que estavam na criminalidade, ali elas estavam lutando por uma coisa que elas consideravam maior que elas e com um propósito totalmente positivo. E aí eu lembro que a gente pulou o muro dessa escola, éramos mais ou menos em seis ou sete – pelo que me lembro. Nós pulamos o portão dessa escola, quebramos o cadeado e nos trancamos para dentro, assim. E eu lembro que foi questão de (tudo muito rápido); assim, a gente foi rápido, foi ágil. E tinha muito medo rolando, então a gente não estava pra brincadeira realmente.   |
|                     | Ainda estamos nesse processo de cair a ficha mesmo, mas eu acho que agora é disso para cima, a gente não pode evacuar. A gente precisa sentar mais tarde, fazer uma assembleia, começar a se organizar com a galera, dividir horários, dividir tarefas; a gente precisa se organizar – por exemplo - pra ver quem vai ficar na segurança. Porque a gente sabe que não dá pra deixar aquele portão sozinho. Tem que ter, praticamente 24h por dia gente ali. Eu soube que tem algumas mães que vão ajudar agora nesses primeiros dias com comida, então a gente já precisa ver isso também. E, precisa de colchão; não tem aqui na escola. Acho que tem um colchão, que alguém trouxe ontem de madrugada; mas é muito pouco. Então, precisa de mais. Não sei se a gente vai ver com a APEOESP, se vai ver com a galera do bairro – mas, tem algumas coisas que a gente tem de ver com mais urgência. Então, esfriar um pouco a cabeça, não é? Deixar a ficha cair; que a gente ocupou a escola. E aí, o que a gente vai fazer acontecer agora? Então, não pode recuar; a gente não |

|                              |  |
|------------------------------|--|
|                              | pode achar que agora acabou. Não, a gente começou agora. Primeiro dia de ocupação, então é isso. A partir de agora as responsabilidades da escola são nossas.  |
| <i>Sussurros</i>             | A partir de agora as responsabilidades da escola são nossas.   |
| <i>Comunidade do entorno</i> | E eu lembro que quando esse movimento surgiu, o primeiro sentimento que despertou em mim foi “quero fazer parte disso de alguma forma”. Porque eu achei muito autêntico e inédito, um movimento de engajamento tão forte surgir espontaneamente do ponto de vista da juventude, dos estudantes; que foi um movimento que se estruturou de uma forma muito rápida e que mesmo tendo sido rápido mostrou uma grande capacidade de articulação entre diferentes atores, de diferentes pontos da cidade e de diferentes escolas. |
| <i>Secundarista</i>          | E eu nunca tinha tido nenhum tipo de contato com algum movimento real; a gente vê nos livros de história, a gente sabe de toda a história da ditadura, a gente sabe das guerrilhas, sabe de todo o movimento que a gente teve pelo Diretas Já. Mas, a gente nunca tinha realmente – depois, sei lá, em era 2000 – vivido algo tão forte e tão intenso como a Primavera Secundarista. Nunca tinha enxergado, nunca tinha sentido essa sensação de esperança e de estar lutando pelo que você acredita tão de perto. Sabe?     |
| <i>Secundarista</i>          | Porque eu comecei a ver que lá dentro a gente estava fazendo algo que era legítimo, mas que o Estado ele acabava deslegitimando aquilo. Então, por muitas vezes, as pessoas vendo que “se a polícia é contra, se o Estado é contra, significa que isso não é legítimo”. Então, eu sentia esse medo, do tipo; inclusive em uma hora que eu me questioneei bastante. Toda hora eu falava: “será que eu estou fazendo a coisa certa?”.  |
| <i>Secundarista</i>          | Eu lembro que a gente sentia muito medo, a escola onde a gente estava ficava 24h com policiais ali em torno e chegou uma época que os policiais até conheciam a gente. Depois, a gente ficou sabendo, posteriormente, que eles tinham até dossiês com fotos nossas.  |



|                     |  |
|---------------------|--|
| <i>Secundarista</i> | Eu fiquei sabendo do movimento das ocupações quando os secundaristas foram até a minha escola; porque eu estudei em ETEC até o ensino médio. E, quando eles chegaram lá, foi um momento de medo; porque ninguém sabia o que estava acontecendo. Diretor, coordenadores, coordenadoras estavam falando para gente: “invadiram a escola, a gente não pode tirar eles daqui; a gente não sabe ao certo quem são eles e eles estão aqui dentro da nossa escola”. Então, foi um pânico que criou.   |
| <i>Secundarista</i> | Primeira escola ocupada aqui em Itaquaquecetuba - sou de Itaquá, é uma periferia aqui do Estado de São Paulo. Bem agravante: em todos os bairros de Itaquá não existe nenhum bairro de classe média, são periféricos. E, a gente decide fazer a ocupação da Escola Cícero Antônio de Sá Ramalho; onde, enfim, um bairro muito violento e várias questões com o tráfico. E aí a gente decide ocupar a escola. E, naquele momento, <b>o Gabriel só pensava</b> aqui: “puta, e se dá merda?”<br><br>A gente não sabe, né? E ao mesmo tempo, a gente lidava com várias coisas que era o seguinte: a gente tinha que lidar com os rachas dentro dos estudantes, dentro do nosso meio, ali dentro da escola e dentro dos professores. Porque a direita usou muito bem os professores, para fazer o discurso. |
| <i>Secundarista</i> | Foi um movimento de formação política, tanto para pessoas consideradas de esquerda quanto de direita. Porque eu lembro que naquela época eu tinha colegas e amigos que apoiavam e também que não apoiavam. Sabe? Então, não foi um movimento homogêneo, de todos os estudantes da rede pública de ensino.  |
| <i>Secundarista</i> | Porque ao mesmo tempo que tinha professores que estavam conversando com os pais, estavam conversando com a comunidade o porquê da ocupação, eles tinham uma galera também que estava tacando pipoca em cima da gente 24h por dia; fazendo grupo com pais também.   |
| <i>Secundarista</i> | Tanto que dentro da própria rede pública eu via pessoas, sabe, com informações falando: “não, mas me disseram que a  |



|                           |   |
|---------------------------|---|
|                           | ocupação é super desorganizada, que as pessoas estão lá só para não ter aula.   |
| <i>Secundarista</i>       | E ficava aquela disputa, não é?   |
| <i>Secundarista</i>       | Inclusive discursos reacionários que a gente vê hoje em dia, acabam sendo reflexo daquela época.  |
| <i>Secundarista</i>       | E aí, né? A gente depois, praticamente duas semanas de escolas ocupadas; nem me lembro; ele era alguma coisa, algum secretário de alguma pasta. Inclusive, ele participa e fala em operação e guerra, né? Contra as ocupações.  |
| <i>Comunidade Escolar</i> | Eu lembro que de manhã bem cedo, eu comecei a receber umas mensagens de que havia muito policiamento na frente do Maria José. E que os estudantes estavam temendo a invasão da polícia, que a polícia invadissem a escola. Tinham muitas viaturas da PM, eu não me recordo exatamente quantas – mas, eu me recordo que tinha um contingente de policiais razoável. E eu não lembro se já estava lá ou se chegou um pouco depois de mim um carro oficial. Todo preto, com placa oficial. E desse carro desceu a pessoa que, na época, era o chefe de gabinete do secretário estadual de educação. Então, o secretário estadual de educação na época era o Herman – e o chefe de gabinete da pasta era o Fernando Padula. |
| <i>Fernando Padula</i>    | Primeiro, o governador tem falado muito com o professor Herman – esses dias todos. Com total apoio, convicção, não está nem titubeando em relação à reorganização. Nem passa na cabeça dele voltar atrás; mas, nós estamos no meio de uma guerra e temos de nos preparar para continuar enfrentando – eventualmente a gente perde algumas batalhas, mas temos que ganhar a guerra final. Para isso a gente precisa parar um pouco e traçar algumas estratégias.   |
| <i>Barulho de bomba</i>   |   |
| <i>Secundarista</i>       | Eu brinco de dizer que a gente se juntou para guerrear, sabe? E eu lembro que no dia, foi muito ansioso; apesar de saber que a gente estava fazendo algo positivo, a gente sabia que poderia ser tido como um crime e que a gente poderia sofrer repressão. Mas, ao mesmo tempo, nós éramos pessoas jovens que na nossa cabeça não tinham nada a perder. O que a gente tinha a  |

|  |   |
|--|---|
|  | perder, na verdade, estava ali – que eram escolas e coisas do tipo.   |
| <i>Fala com repetições por secundaristas</i> | A gente está aqui, para lutar contra o fechamento de escolas. O Geraldo Alckmin, prefere precarizar o ensino do que respeitar a pátria educadora.   |
| <i>Fernando Padula</i>                       | E uma das questões que o governador pediu é que a gente organize uma ida para as escolas.   |
| <i>Comunidade Escolar</i>                    | E aí o Fernando Padula desceu do carro, se dirigiu ao portão do Mazé e ali no portão do Mazé já existia um contingente muito grande de alunos – no portão principal, ali onde o Fernando Padula se dirigiu. Porque eles já estavam ali porque viram a movimentação da polícia antes do chefe de gabinete do secretário da educação chegar. E aí, o Padula começou uma conversa com eles, tenta estabelecer uma espécie de negociação com os estudantes. |
| <i>Fernando Padula</i>                       | Este grupo aqui, a gente teria que fazer – o que passou na minha cabeça, mas vamos pensar em outras ideias. De repente o seguinte: “queremos saber quais são as suas propostas”. Depois...  |
| <i>Comunidade Escolar</i>                    | Se eu não me engano, ele começa a prometer para os estudantes que se eles desocuparem; para eles pararem a ocupação, desocuparem a escola. E que um dos estudantes vá, acompanhe para ir para a Secretaria para negociar – para sentar em uma mesa de negociação.   |
| <i>Fernando Padula</i>                       | Demonstrando o seguinte: estamos indo lá e conversando. Pode ter nestas diferentes escolas, um grupo que até aceite conversar e um outro grupo que não vai conversar. Ou se conversar, eles vão dizer o seguinte: “eu quero o fim da reorganização, quero o Alckmin aqui para acabar...”  |
| <i>Comunidade Escolar</i>                    | E aí os estudantes começaram a falar que não iam mandar nenhum representante, que não estavam sabendo disso. Que não era só a escola deles que estava envolvida no movimento, que tinha mais pessoas envolvidas e que não dava para eles mandarem um representante para negociar um movimento de  |

|                           |  |
|---------------------------|--|
|                           | ocupação que não era só referente à unidade escolar deles – que era um movimento muito mais amplo. Que estava acontecendo em várias cidades do Estado de São Paulo.  |
| <i>Fernando Padula</i>    | Aí, o que eu imaginei? Continuar muito com essas reuniões. E documentar, tirar foto e ter ata. Que aí a gente coloca no nosso portal também, no que eu chamei de Dialogômetro. Vamos mostrar lá que o Dialogômetro só aumenta e estamos indo nessa linha. E radicalização está do lado de lá.  |
| <i>Comunidade Escolar</i> | Junto com a chegada da polícia, do chefe de gabinete, chegaram algumas pessoas ali na frente da escola – nesse portão principal. E essas pessoas ficavam reivindicando que elas eram familiares desses alunos, que elas eram moradores do bairro, etecetera. Só que havia um contingente grande de alunos ali no portão e nenhum desses alunos reconhecia essas pessoas; nenhum reconhecia esses supostos pais e moradores que estavam ali e que alegavam ser essas figuras. Hoje eu sei que essas pessoas na verdade, aparentemente, eram representantes da ala da juventude do PSDB (do partido político). |
| <i>Fernando Padula</i>    | Deixa eu apresentar aqui para vocês aqui o Leandro, que é da juventude Ação Popular; um grupo de jovens, de estudantes universitários e de alguns estudantes secundaristas.  |
| <i>Secundarista</i>       | Aquele momento que a gente estava, a gente sempre lidou com algo a mais além do Estado. Porque a gente tinha um núcleo forte da juventude do PSDB, que já era ativa dentro da cidade – que era a juventude da AP. A gente chama de Ação Popular – eles se denominam como Ação Popular, que veio da UNE para tentar retomar a UNE (uma articulação do Alckmin).   |
| <i>Fernando Padula</i>    | Mas a gente pode também estar fazendo uma ação com jovens apoiando nas diversas regiões – aí depois a gente troca telefone. Mas, também tem um grupo de fora com os jovens, fazendo esta guerra aí da ação.  |
|                           | Eu não lembro da sequência dos fatos, eu sei que conseguiram arrombar o cadeado desse portão secundário. E aí, entrou correndo algumas dessas pessoas que alegavam ser familiares  |

|                                     |   |
|-------------------------------------|---|
|                                     | e moradores da região – elas entraram correndo para dentro da escola. Junto com elas, entraram alguns policiais.  |
| <i>Fernando Padula</i>              | A polícia teve uma coisa positiva, que eles conseguiram nesta visita de ontem; em três escolas, eles conseguiram fotografar carro dentro. Puxaram o documento do carro e o documento do carro era da APEOESP. Já vai agora para a PGR e vão entrar com ação. Porque é isso: a gente tem que – de um lado – desqualificar o movimento. O movimento é político, é partidário.   |
|                                     | Eu entrei também. E aí, lá dentro começou um tumulto muito grande. E quando eu vi, já tinha bomba de gás acontecendo. Os meninos gritando, um temor muito grande pela segurança deles. Era muito visível o medo, né? No rosto dos meninos.  |
| <i>Fernando Padula</i>              | Só pra terminar: aí tem um outro grupo, gente. Que este grupo não vai querer o diálogo, mas nós temos que fazer uma ação de tal maneira que a gente vá pondo o radicalismo do lado deles. Você inverte. O que eles querem é o contrário, é fazer a confusão. Eles querem: param aquela escola, contaminam outras cinco e vão acabando com a reorganização. Eu acho que nós temos que caminhar no sentido contrário: vamos consolidando a reorganização. Certo? E, no limite, eu posso ter casos pontuais onde eu não vou começar a aula – mas, eu não começo a aula com uma escola reorganizada. E não voltar atrás, porque a tática de guerrilha é essa. |
| <i>Comunidade Escolar</i>           | Então, me assustou muito. É muito impressionante ver a barbárie acontecer na nossa frente. Ainda mais no espaço da escola, que é um espaço que a gente associa com interação social, com ludicidade, com aprendizagem, com colaboração, né? E não com esse tipo de cena que eu presenciei, né?  |
| <i>Início de barulho, gritos...</i> |   |
| <i>Fernando Padula</i>              | Eles usam o argumento do diálogo, certo? Na guerra de guerrilha, a gente tem que pegar os instrumentos para também guerrear. Na opinião do secretário da segurança, na opinião do governador, isso pode dar certo em alguns lugares.  |

|                           |   |
|---------------------------|---|
| <i>Secundarista</i>       | E aí começou aquela coisa, né? Estudante, novos, nem tendo muita malícia na vida; já desocupamos uma escola, agora é a próxima. A Marli, a dirigente, está vindo aqui – que que a gente vai fazer?  |
| <i>Fernando Padula</i>    | Quer dizer, a gente tem que ter as duas coisas. A ação política, nós vamos brigar até o fim e vamos ganhar. E vamos desmoralizar e desqualificar o movimento. A ação, que eventualmente tenha fundamento: ah, o noturno não está dando, está muito longe. Vocês que sabem; e também não é para sair revendo tudo. É coisa óbvia. Aqui que tem uma coisinha que se eu destampar, cai para pressão; que é essa pressão que eles usam pra tentar fazer a movimentação. Nós vamos tirar deles o argumento que eles têm.   |
| <i>Gritos e sussurros</i> | Ocupar e resistir; polícia racista, não passarão.   |
| <i>Secundarista</i>       | Mano, o fato é que é assim: é óbvio que vai ter pressão de todo lado. Óbvio que eles vão querer que a gente desocupe, mas a gente não pode recuar, galera. A gente está aqui por um objetivo maior. Não é porque a gente teve uma conquista: de “vai ter ônibus, vai ter merenda”. O objetivo não era esse, não era para lutar por coisas pontuais e por benefícios para nossa escola. Era algo muito maior. Eu acho que desocupar nesse momento é muito negativo. Óbvio, a gente tem que respeitar a decisão da maioria, tem que sentar e contar voto. Vai ter que ter votação. Mas, eu não vejo como positivo a gente desocupar agora. Isso aqui não é por conquistas individuais. A gente está lutando por algo muito maior, a gente quer que o Estado de São Paulo reconheça que os estudantes têm uma força e que a gente precisava ter sido consultado a respeito disso. Principalmente os estudantes e os professores, que são os principais afetados dessas medidas todas da reorganização. Não era isso que a gente queria deixar claro para eles? Que se eles vão nos afetar eles têm de nos ouvir, eles têm de escutar a nossa voz? A gente não pode arregar porque conseguiu uma ou duas conquistas, mano. Não é esse o movimento. E se vocês estão achando que é isso, então, muita coisa já não faz sentido. Muita coisa ficou pelo caminho. Qual é o sentido? Por conquistas individuais, a gente desocupar a escola? Sendo que a parada está rolando no Estado inteiro? |

|   |   |
|---|---|
|   |   |
| <i>...barulho de relógio, batidas e bombas</i>                  |   |
| <i>Fernando Padula</i><br><br><i>(sussurros de "simbólico")</i> | Nós temos que ganhar a guerra final [...] radicalização está do lado de lá [...] radicalismo do lado deles [...] depois polícia. [...] Guerrilha é essa. A polícia [...]. Eles usam o argumento do diálogo, nós vamos tirar deles. Vamos desmoralizar e desqualificar o movimento. Tem uma outra questão que eu queria ver se vocês topam: que não vai ser nada fácil, acho que do ponto de vista simbólico pode dar um bom resultado, era a gente fazer uma audiência pública. Não acho que será uma audiência pública tranquila. Mas até para esses organismos, não é: a Defensoria Pública, o Ministério Público. Você vai cada vez mais [...]. A outra é o seguinte: acho que a gente deve ir consolidando a reorganização. |
| <i>Secundarista</i>   | O que eu mais falava era isso, que eles queriam reorganizar a gente; mas eles não imaginavam que a gente já era muito organizado.   |
| <i>...barulho de relógio</i>                                    |   |
| <i>Secundarista</i>   | Esse racha, essa polarização que muitas vezes colocam, não é meramente...qual é o nome? De disputa de narrativas, mas também como uma forma de impor um plano político dentro do país.  |
| <i>Secundarista</i>   | E isso foi se dando, assim, em alguns momentos que a gente teve que começar a entender os rachas dentro da sociedade. Que a escola não era aquele mundinho que a gente ia para o intervalo não. Que era rachado, a galera tinha seu interesse.  |
| <i>Secundarista</i>   | Então por isso, foi imprescindível ter a ajuda do pessoal de fora. Muitos militantes estavam ali, eles foram; durante todos os dias eles iam lá. Levavam comida, levaram roupa. Se manter lá dentro, não foi fácil para ninguém. Então, assim, a gente se apoiou muito. E eu lembro que era um clima descontraído; mesmo, assim, com tudo o que estava acontecendo e com medo o tempo todo. Porque, claro, a gente tinha medo o tempo todo. Era uma coisa muito positiva e grande que estava acontecendo. Sabe? A gente estava de olho nas notícias, recebendo notícias. A gente começou a ver que estava surtindo efeito.  |

|                          |   |
|--------------------------|---|
|                          |   |
| <i>Secundarista</i>      | E a gente começa, que eu acho que foi assim: um recorte bem genial que trouxe do Chile. Das entidades estudantis, que era a cartilha de ocupações [...] no Facebook.  |
| <i>Secundarista</i>      | Uma cartilha traduzida, do Chile – da Revolta dos Pinguins. Foi traduzida por um coletivo. Coletivo Mal-educado. E lá mostrava como eles se organizavam e a gente se baseava muito naquela cartilha, né?  |
| <i>Secundarista</i>      | Que aquilo ali deu um Norte para a galera começar de fato a ter vontade de ocupar e defender a sua escola, que foi algo genial. Ensinando a ocupar, ensinando como organizar mantimentos.   |
| <i>Secundarista</i>      | Mas cada escola ia encontrando sua particularidade a partir do dia a dia.   |
| <i>Secundarista</i>      | Ensinando como sustentar a narrativa com a comunidade, com quem ela poderia se juntar, encontrar os sindicatos dos professores, as sedes da APEOESP espalhadas também para se juntar. E isso foi um grande marco no movimento, ali deu um norte. A gente estava com 86 escolas ocupadas e quando lança a cartilha, no outro dia: mais cinquenta e seis escolas ocupadas. O governo do Estado começou a entender; opa, alguma coisa está estranha.   |
| <i>Grito de Ordem</i>    | [...] Acabou a paz, isso daqui vai virar o Chile  |
| <i>Estudante chilena</i> | Cuándo lo preguntáron por primera vez yo dije: ¿qué, me puede repetir la pregunta? Es que esto ya traspasó las baradas de nuestro país. Esto ya esta teniendo un efecto dominó. Y yo miré a mis compañeros y dije: ¿de verdad? Entonces pues metia por la internet, emezan a contactarte. Claro, en Uruguay hay un porblema con los chicos, en Colombia hay otro problema con la pruebla de seleccion para adentrar la universidad, en Argentina también hubieron muchas marchas por el tema en que no hay razones buenas a los niños, en Brasil, en Venezuela (con Hugo Chaves también hubieron problemas). O sea, bueno en Chile hay una mobilizacion tan grande dónde los secundarios están manifestando, están diciendo que no están de acuerdo con la desigualdad del país, con la desigualdad de la |



|                      |  |
|----------------------|--|
|                      | educación. Y en mi país (otro país), está pasando lo mismo; hay que hacer lo mismo.  |
| <i>Secundarista</i>  | E eu acho que isso, a internet; assim, na nossa época, o Facebook - com impulsionamento das coisas - foi algo, assim, genial que gerou uma curvatura de um medo de uma escola ser desocupada a bomba e gás. E para uma muito enorme, que surgiu o funk; "se desocupar uma, vamos ocupar duas, Geraldo".  |
| <i>Música (funk)</i> | O Fernão é escola de luta; Andrônico é escola de luta; Ana Rosa é escola de luta; fica preparado que se fechar, <i>nóis</i> ocupa. Vai, vai!   |
| <i>Secundarista</i>  | As redes sociais é de extrema importância, a página Mal-Educado é uma mídia muito importante que atualizava e contava as escolas; as contagens, faziam notas. Secundaristas faziam parte do Mal-Educado, mas também universitários na sua maioria. E cada escola tinha uma página, né? O mais comum é que cada escola tivesse uma página para que ali buscasse suas atividades e, em caso de necessidade de doação, a gente postava lá. Então, o Facebook foi muito importante para isso, para se publicizar a nossa pauta e o que a gente fazia.  |
| <i>Secundarista</i>  | As redes sociais. Eu lembro que as redes sociais foram muito boas, assim, para a gente conseguir ter uma dimensão de como estavam as outras ocupações. Mas para mim, a minha experiência que era daqui do Alto Tietê, com as redes sociais, não era tão produtiva - vamos se dizer assim. Porque quando você está em uma ocupação no centro de São Paulo, onde as pessoas são mais engajadas, tem um conhecimento maior, onde elas entendem melhor essa dinâmica de ocupação - porque na periferia, até o cara entender que você está ocupando a escola, o porquê você está ocupando essa escola, até ele entender a PL, até ele entender um projeto de lei, cara. É muito difícil, é muito difícil. |
| <i>Secundarista</i>  | E aí, na tecnologia, pensando uma tecnologia; eu acho panfleto uma tecnologia, né. Enfim. Tinha muito uso de panfleto. Então a gente panfletava nos atos, nos atos centrais. Nos regionais,  |

|                     |  |
|---------------------|--|
|                     | pouco; porque só quando pessoas de fora vinham e faziam panfleto; e tudo começou...  |
| <i>Secundarista</i> | Quando você está em São Paulo, você tem os holofotes da mídia, você tem a mídia alternativa ali, o trabalho de disseminação de informação acaba sendo muito mais fácil. Né? As pessoas têm uma mente muito mais aberta. Agora aqui, a gente tinha um pouco mais de dificuldade de trabalhar com as mídias alternativas. E...   |
| <i>Secundarista</i> | A mídia independente também foi muito importante; então a gente usava muito da mídia independente para falar do que estava acontecendo; denunciar as coisas...   |
| <i>Secundarista</i> | Nas redes sociais a gente estava em um momento, eu não lembro muito bem; eu lembro que a gente estava em intensa polarização de Bolsonaro, assim. Então, foi um momento de ânimos aflorados, a gente tinha muito comentário positivo, mas também muito comentário negativo.  |
| <i>Secundarista</i> | E aí, também o WhatsApp, né. O WhatsApp ele é uma forte ferramenta que a gente conseguia conversar - eu sendo da zona sul - com pessoas lá do extremo leste. <i>Havia</i> grupos secundaristas d toda São Paulo; em diversos grupos, estudantes de luta. E aqui vale colocar que foi a partir dele mesmo que a polícia usava; que a gente era rastreado e perseguido – a partir do WhatsApp. Policiais se integravam dentro do grupo de WhatsApp para pegar pessoas e personificar a luta e acarretar diversas violências que a gente teve de atravessar durante esse movimento. |
| <i>Secundarista</i> | E também, tem aquela coisa de bolha, né gente. O Facebook e o Instagram, todas as redes sociais, a gente sabe que elas têm uma rede ali de cada perfil, onde ele vai te mostrando o que você é acostumado a ver. E vai criando um padrão sobre você e muitas vezes, eu posso falar para vocês, que eu acho que (sei lá) a gente até foi boicotado. Sabe?   |
| <i>Secundarista</i> | No Facebook eu lembro que, é muito engraçado porque a questão dos algoritmos ela acaba se expressando porque a gente consegue entender que o Facebook se expressa em cima  |

|                     |   |
|---------------------|---|
|                     | <p>da pessoa que ele acha que a gente é. Né? A questão da polarização política, a questão das <i>Fake News</i>, é bom até pra gente não se perder e ficar achando que foi uma narrativa bem pós golpe de 2016; que era algo que já estava encaminhado. Parecia que as ocupações e junho de 2013, foram dois movimentos que já estavam servindo como ensaio – como se fosse um teste de armamento da direita, em que a gente percebe que tinham essas questões de <i>Fake News</i>. Não importava mais o que era verdade, não importava mais o que era a verdade para eu ver que movimento eu quero seguir. Eu quero que meu movimento esteja por cima; não é por partido nenhum, é pelo país. E quando você vai ver, era partido de direita. Era sempre assim. Eram coisas que na época eu não verificava, eu não sabia que existia o termo <i>Fake News</i>. Para mim, notícia era notícia; o clássico, está na internet, é verdade.</p> |
| <i>Secundarista</i> | <p>Eu acho que por muito tempo a gente sofreu um boicote sim; da Globo e do resto das outras mídias que não mostraram real qual era a realidade das ocupações. A gente via muita matéria sobre as ocupações, mas a maioria delas era de cunho negativo – era muito difícil você achar uma reportagem ou algo do tipo que falasse realmente de como é que era a realidade das ocupações; e como as ocupações elas estavam mudando, inclusive, os espaços onde elas estavam acontecendo – as comunidades ali. Sabe?</p>   |
| <i>Secundarista</i> | <p>Eles tentaram reorganizar a gente, só que eles não esperavam como que a gente conseguia ser organizado. Sabe? E o quanto a organização das escolas foi algo gigantesco; no sentido de ter cooperação, de pessoas que nunca foram engajadas politicamente em nada saberem o que é divisão de tarefas, o que é “meninos também cozinham, meninos também lavam, limpam”; na segurança, de ter uma rotação de uma coisa organizada mesmo. E eu acho que ninguém esperava isso.</p>   |
| <i>Secundarista</i> | <p>Então, assim, por um lado às vezes eu me sinto triste por saber que talvez a gente não tenha mais essa força. Nada nos levantou novamente para fazer coisas tão grandes. Mas, de ver que muitas pessoas realmente terminaram o ensino médio, muitas pessoas continuaram indo para a escola e vão continuar após a gente ter saído. É uma sensação, assim, imensa. Saber;</p>   |

|                     |  |
|---------------------|--|
|                     | deixou a faísca acesa, a chama acesa. Para a gente saber que uma hora ou outra as coisas podem mudar, que a gente tem sim poder juntos para fazer coisas maiores.  |
| <i>Rappers</i>      | Salve, Salve, Martelo! E aí, Foice? Firme, mano? Firme não, né, tio? <i>Cê</i> é louco, o Alckmin aí fodendo com os estudantes, mano. <i>Cê</i> é louco, ouvi dizer. Mano, o cara vai fechar uma pá de escola. O cara fecha escola e abre cela. Não estou nem entendendo, tio. Mas é isso, ouvi dizer que os estudantes estão todos organizados. Não é não?  |
| <i>Secundarista</i> | Vocês estão falando sério, né? Porque agora não é que eu quero ocupar a escola, eu quero muito ocupar a escola. Eu não vou conseguir dormir se a gente não fechar isso hoje. E eu sei que dá medo, eu tô com medo. Só de falar disso já tá embrulhando meu estômago. Mas, eu acho que não faz sentido com o posicionamento que a gente tem, com as críticas que a gente tem, a gente se abster disso. Seria covardia pegar os livros daqui uns bons anos, ver tudo isso que está acontecendo nos livros e saber que a gente não participou; que a gente ignorou tudo isso. |
| <i>Funk</i>         | Escola de luta, fica preparado que se fechar nós ocupa. Vai, lá! Estado veio quente, <i>nóis</i> já tá fervendo. Estado veio quente, <i>nóis</i> já tá fervendo. Quer desafiar, não tô entendendo. Mexeu com estudante, vocês vão sair perdendo!   |
| <i>Sussurro</i>     | <b>De quem é a escola, a quem a escola pertence?</b>   |